



# Peregrinación

Nélida Piñón

Peregrino por el barrio, rastreo su vida. Imito a los demás que se precipitan en las calles ansiosos por romper los grilletes de la casa. Allá voy yo con el cayado invisible que usé otrora cuando emprendí el camino jacobino, más conocido como de Santiago de Compostela. Equipada del cayado, de la concha colgada en el cuello, volví a sentirme una romera con apetitos trascendentes.

En Cobal, Humaitá, recorro las lonjas, legumbres, quesos, el vino del señor Anibal. Las olas de vidrio, llenas de bizcochos oriundos del interior de Brasil, en general nacidos de las diligentes manos femeninas, constituyen un lienzo de un pintor atento a la realidad.

En las barracas, Júlio me vigila. Me acusa de ser exagerada. Finjo no oírlo y palpo las frutas, evito ser conclusiva en lo que dice respecto a lo cotidiano. Da miedo cualquier pretensión filosófica que dificulte el trato con las cosas simples.

Amo los tomates con pasaporte latinoamericano. Pero prefiero los europeos, mucho más dulces. Soy cautelosa con ellos como forma de homenajear a la vida. Las materias que llevo a casa dependen de mi beneplácito moral.

Para mi alivio, no todo parece nacer de una implacable voluntad. No endioso la realidad sólo por ser parte de ella, o por recorrer la calle Voluntarios de la Patria con una cierta desfachatez. Al final, ¿dónde me apoyo al llegar a casa?

Otras fantasías culinarias me entretienen. Tengo razones para amar la vida diaria, de sonreír a cuenta de mi banalidad. El mismo pan negro alemán, rebanado, viniendo de Petrópolis, me recuerda el periodo de escasez de la España franquista, la posguerra civil, sujeta a un severo racionamiento. Como recuerdo de aquellos tiempos, como el pan negro por las mañanas con la sensación de estar de nuevo en Borela, donde fui tan feliz.

Sigo adelante, liberada del oficio de ser escriba veinticuatro horas al día. Un hecho que me reparte en diversas porciones. Unas, situadas en Lagoa, otras, en la Academia Brasileña de Letras, donde comparezco de medias dos veces por semana. Hay pedazos que siguen por correo para Carmen Balcells, en Barcelona. Los hago acompañar de notas sucintas, aunque cariñosas. Cuando le digo: como sé que echa de menos a la amiga brasileña, aquí van porciones que aún puedo dispersar sin perder mi entereza, de modo que cuando nos encontremos en un futuro, estaré intacta, como siempre, aunque con kilos de más, además de las arrugas. Le advierto que la cabeza continúa en estado de alerta, tal vez más serena.

Me llaman al móvil, un numero prácticamente privado. Monótona voz de mujer me ofrece nuevas tecnologías vinculadas a la firma, como si mis vacíos interiores necesitaran de inmediata ocupación. ¿Con qué derecho ese timbre de falsete de la funcionaria invade el tiempo que aún me resta para vivir? ¿Quizás intuyó que por haber sido lectora asidua de los místicos Plotino, Meister Eckhardt, postulo la contemplación no debiéndome afectar nada más?

En el mercado aún, admito que la vida está hecha de treguas, ora difíciles, ora maravillosas. Y no siempre la atención a los llamados de fuera equivale al llamado de Dios. Pero, no siendo de origen divina, ¿qué hacer con la frivolidad de mi entorno que consume mis días como un helado de chocolate sin reaccionar?

Termino la visita. Las bolsas de la compra, organizadas en el maletero del coche, expresan mi concepto de abundancia. Y mientras se vacía la billetera, me entrego a tareas inexpresivas a fin de que el congelador abarrotado alimente mis sueños cotidianos.

*Traducción: Juan Malpartida*

# Peregrinação

Nélida Piñón

Peregrino pelo bairro, rastreio-lhe a vida. Imito os demais que se precipitam na rua ansiosos por quebrar os grilhões do lar. Lá vou eu com o cajado invisível que usei outrora quando empreendi o caminho jacobino, mais conhecido como de Santiago de Compostela. Munida do cajado, da concha pendurada no pescoço, voltei a sentir-me uma romeira com apetites transcendentais.

Na Cobal, do Humaitá, percorro as lojas de frutas, legumes, queijos, o vinho do sr Anibal. Os potes de vidro, cheios de biscoitos oriundos do interior do Brasil, nascidos em geral das diligentes mãos femininas, constituem um canvas de um pintor atento à realidade.

Nas barracas, Júlio me vigia. Acusa-me de ser exagerada. Finjo não ouvi-lo e apalpo as frutas, evito ser conclusiva no que diz respeito ao cotidiano. Afugento qualquer pretensão filosófica que dificulte o trato com as coisas simples.

Amo os tomates com passaporte latino americano. Mas prefiro os europeus, bem mais doces. Sou cautelosa com eles como forma de homenagear a vida. As matérias que levo para casa dependem do meu beneplácito moral.

Para meu alívio, nem tudo parece nascer de um arbítrio implacável. Não endeuso a realidade só por ser parte dela, ou por percorrer a rua Voluntários da Pátria com certa desfaçatez. Afinal, onde me escorar ao chegar a casa?

Outras fantasias culinárias me entretém. Tenho razões de amar a vida diária, de sorrir por conta da minha banalidade. O próprio pão preto alemão fatiado, vindo de Petrópolis, recorda-me o período de escassez da Espanha franquista, pós-guerra civil, sujeita a severo racionamento. Como lembrança daqueles tempos, como o pão preto pelas manhãs com a sensação de estar de novo em Borela, onde fui tão feliz.

Sigo adiante, desobrigada do ofício de ser escriba vinte e quatro horas do dia. Um fato que me reparte em diversas porções. Um, sediadas na Lagoa, outras, na Academia Brasileira de Letras, onde compareço em média duas vezes por semana. Há pedaços que seguem pelo correio para Carmen Balcells, em Barcelona. Faço-os acompanhar de bilhetes sucintos, mas carinhosos. Quando lhe digo: como sei que sente falta da amiga brasileira, aqui vão porções que ainda posso dispensar sem perder a minha inteireza, de modo que ao nos encontrarmos no futuro, estarei intacta, como sempre, embora com quilos a mais, além das rugas. Advirto-lhe que a cabeça continua em estado de alerta, talvez mais serena.

Chamam-me ao celular, um número praticamente privado. Monótona voz de mulher oferece-me novas tecnologias vinculadas a assinatura, como se meus vazios interiores necessitassem de imediata ocupação. Com que direito aquele timbre de falsete da funcionária invade o tempo que ainda me resta para viver? Acaso intuiu que por haver sido leitora assídua dos místicos Plotino, Meister Eckhardt, postulo a contemplação, não devendo nada mais me afetar? E que no fulgor da adolescência considere a possibilidade de ser Tereza de Ávila ao menos por algumas horas? A brava Cespeda que se entretinha em escrever cartas, em conversar no consistório, no afã de ouvir sábios como ela e dar-lhes combate. A mulher cujo temperamento indômito almejou ter Cristo ao seu lado com o intuito de justificar as frustrações que a sociedade lhe impunha?

No mercado, ainda, admito ser a vida feita de tréguas, ora difíceis, ora encantatórias. E que nem sempre os apelos ouvidos de fora equivalem ao chamado de Deus. Mas, não sendo de origem divina, o que fazer com a frivolidade do meu entorno que consome meus dias como um picolé de chocolate sem eu reagir?

Encerro a visita. As sacolas de compras, organizadas na mala do carro, expressam meu conceito de abundância. E enquanto a carteira de notas esvazia-se, entrego-me aos afazeres inexpressivos afim de que a geladeira abarrotada alimente meus sonhos diários ©